Psicanálise, Ferenczi e a força criativa em situações de traumas coletivos

Marina Bialer

Resenha de Daniel Kupermann, Jô Gondar e Eugênio Canesin Dal Molin (orgs.), *Ferenczi: Pensador da catástrofe*, São Paulo, Zagodoni, 2022, 286 p.

Vivemos tempos sombrios: números assombrosos de mortos na pandemia de COVID-19, movimentos de extremismo e de violência rodam o mundo. O escritor Salman Rushdie acaba de ser atacado em uma tentativa de homicídio enquanto dava uma palestra em Nova York, culminando em mais um exemplo da intolerância cada vez mais forte no mundo inteiro. Isso sem falar nos horrores que presenciamos cotidianamente no nosso Brasil, que tem como norte, no governo, o que muitos consideram ser uma necropolítica.

Enquanto escrevo esta resenha, estamos todos mais esperançosos quanto a essa pandemia chegar um dia ao fim. Quase todos nós retomamos parte significativa dos encontros presenciais – consultório e vida social. Mas se essa catástrofe desaparece do cotidiano presente, embora muito viva em seus rastros em todos nós, já deparamos no horizonte com o perigo iminente de ameaça nuclear. A guerra entre Ucrânia e Rússia coloca novamente a humanidade inteira em risco, e irrompe justamente em um momento em que a pandemia se acalma mundialmente.

Marina Bialer é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro do Grupo de Pesquisa Psicanálise Experimental USP.

Logo que explodiu a guerra, lembro de fazer uma visita a meus pais em que comentava sobre as origens de minha avó materna, que havia nascido e crescido perto de Kiev, na época parte do Império Russo. Hoje ela seria considerada ucraniana, embora sua língua fluente e cultura materna fosse predominantemente judaico-russa. Rússia, para onde ela fugiu para escapar do extermínio nazista, sobrevivendo anos ao ganhar uns trocados cantando músicas russas para os soldados bolcheviques. Enquanto comentávamos essa história familiar, descobri um acontecimento sobre o qual nunca tinha ouvido falar. Em 1979 havia um forte burburinho de ameaça de ataque nuclear da Rússia à Suécia, e havia treinos da população local sueca para se esconder nos abrigos subterrâneos, buscando cada vez mais reduzir o tempo entre o alarme e a chegada ao esconderijo. Isso ocorreu quando em minha primeira infância eu morava na Suécia, em uma pequena cidade para a qual meu pai fora transferido a trabalho. Como meu pai era engenheiro, apaixonado por física nuclear, ele foi convidado para ajudar a comunidade a pensar a logística de sobrevivência. Assim, enquanto ele ficava no *headquarters*, minha mãe cuidava de minha irmã e eu, a caçula que dava os primeiros passos na vida e esboçava em sueco e português algumas palavras. Nunca tinha ouvido falar da ameaça nuclear até o *revival* russo-ucraniano quando descobri que na cidade haviam pintado todos os abrigos subterrâneos com obras feitas por artistas suecos. E que era naquele minimuseu que eu e minha irmã ficávamos brincando, enquanto meu pai perdia noites de sono angustiado pensando que estávamos presos lá sem que ele conseguisse um avião para voltarmos ao Brasil. Ao escutar meu pai comentar esse ponto de encontro entre a ameaça da destrutividade mortífera e a beleza da poesia da arte, cruzou a minha mente um arco de tempo em que eu pensava em meu pai que, em sua primeira infância, ia embora de uma Europa destruída pela Segunda Guerra Mundial, partindo todos de navio de Paris com destino à América do Sul para começar uma nova vida, com esperança de tempos de paz. Tempos de paz… que saudade dessa utopia.

Nesse cenário me parece que hoje, talvez mais do que nunca em nossa geração, precisamos de livros que nos ajudem a pensar o que ocorre no mundo, mas também nos ajudem a impulsionar a força criativa em situações de traumas coletivos. *Ferenczi: Pensador da catástrofe* nos presenteia com isso e muito mais.

Em "Quando nada será como antes: a elasticidade da técnica psicanalítica em tempos de COVID-19"[1], Denise Goldfajn começa o texto utilizando como epígrafe o recorte de uma música enviada a ela, por WhatsApp, por uma analisanda comentando que associara a música à sessão daquele dia. Essa música, lançada por Milton Nascimento e Ronaldo Bastos em plena ditadura militar, era agora remixada por artistas que estavam em vários cantos do mundo, mas que juntos – virtualmente – cantavam. Nesse *mashup*, que une poeticamente traumas, que abarca ditaduras e pandemia, que une distintas gerações de músicos, é ofertada a possibilidade de analista e analisando, cada qual em um lugar, e mesmo cada um assistindo a seu tempo aquela música, se encontrarem pela arte, pela melodia, pela poesia. É o poder da "resiliência poética e onírica que insiste em perseverar diante da destrutividade agressiva que nos invade corpo e alma"[2].

Ferenczi: Pensador da catástrofe, que vale a pena ser lido e relido, nos inspira com um exemplo paradigmático da riqueza coletiva que pode surgir de trocas psicanalíticas, de trabalhos elaborativos frente ao traumático, e revela possibilidades abertas por essa experiência, para que possamos fazer frente a tanta força destrutiva que tem devastado a humanidade. Organizado pelos psicanalistas Daniel Kupermann, Jô Gondar e Eugênio Canesin Dal Molin, trata-se de um livro que se debruça sobre os desafios enfrentados (especialmente no campo psicanalítico) durante a pandemia causada pela COVID-19.

Estruturalmente, a arquitetura do livro possui como pilar blocos de dois textos principais redigidos a partir de *lives* realizadas pelo Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi – disponíveis no YouTube – seguidos de um texto redigido por um mediador/leitor/debatedor que tece alguns comentários acerca das *falas* principais. Isso me pareceu um mérito do livro, pois além da escrita mais próxima do estilo oral, há um diálogo já incrustado em cada bloco, o que faz surgir espontaneamente uma polifonia. Assim, o livro parece conter convites à troca no interior de cada bloco, dando maior organicidade ao que, caso contrário, poderia ter sido uma junção de textos desconexos (como ocorre em vários livros coletivos). Todavia, outro mérito do livro é permitir que o leitor realize percursos alternativos, lendo separadamente textos ou montando outra ordem de leitura independente dos blocos temáticos delimitados.

"Elasticidade da técnica psicanalítica", texto de Ferenczi originalmente publicado em 1928, será presença marcante nos diversos artigos, desvelando a relevância da posição ferencziana para abordarmos a clínica contemporânea, situações traumáticas como as atuais pandemias e guerras, e as novas tecnologias digitais.

> Essa elasticidade se mostrou propícia e necessária no momento em que todos os analistas tiveram que se haver com a entrada de novos fatores no *setting*. A elasticidade da técnica psicanalítica passou a abarcar, nesse momento, o paciente na circunstância em que ele se encontrava e com os meios tecnológicos de que ele e seu analista dispunham. Poderíamos dizer que todos os analistas tiveram que admitir algo que Ferenczi sempre nos convocou a enxergar: quem recebemos em tratamento não é apenas um sujeito, mas um sujeito e sua circunstância; se não a levamos em conta, não poderemos tratá-lo.[3]

Um dos principais eixos temáticos desse instigante livro engloba as especificidades da psicanálise *on-line*: as condições de uma análise começar ou ser mantida *on-line*, as diferenças entre sessões presenciais e *on-line*, as nuanças de quais casos poderiam

1 D. Goldfajn, "Quando nada será como antes: a elasticidade da técnica psicanalítica em tempos de COVID-19", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *Ferenczi: Pensador da catástrofe,* p. 17.

2 D. Goldfajn, *op.cit.*, p. 20.

3 J. Gondar, "Novas tecnologias e a elasticidade da técnica psicanalítica", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 55-56.

P68 PR-3 (LIVRO) Percurso-jun22.indb 139 16/11/2022 08:15:39

(não) ser beneficiados com essas modalidades de tratamento analítico, se haveria efeitos iatrogênicos para o atendimento de casos mais graves ou limites para o alcance de acordo com as estruturas clínicas. Outras tantas questões éticas e técnicas de relevância são assinaladas como os impactos da falta do corpo (sensorial) de analista e analisando, ou as dificuldades na manutenção do sigilo. Ou ainda, reflexões acerca de "até onde se pode esticar o elástico sem provocar rupturas? Quais os desafios para a sensibilidade do analista, para o tato, para o enquadre e para a metapsicologia?"[4].

Se o ciclo de *lives* do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi começou com o tema da elasticidade da técnica, vale retomar a afirmação de Dallazen de que "em tempos de pandemia: a elasticidade da técnica é o psiquismo do analista"[5]. Assim, vários textos discutem como o enquadre não deve ser algo que vira ele mesmo um empecilho ao tratamento, e isso também abarca o valor de o analista se entregar para novas explorações psicanalíticas que se façam necessárias. Se a teoria da técnica e a prática a ela associada já encontraram várias versões ao longo da história psicanalítica, agora temos o *e-setting*[6]. A metapsicologia do analista em tempos pandêmicos e de sessões *on-line* será discutida por Mezan[7] ao comentar a alteração do silêncio e do ritmo (abordados no texto da psicanalista Zerbinatti)[8] e seus impactos na atividade do psicanalisar, notadamente, na atividade psíquica dos psicanalistas e em seus modos de presença na sessão. Outros aspectos elencados por Mezan se referem a mudanças do enquadre *on-line* como a ausência da preparação para a sessão analítica que ocorria no trajeto até o consultório do analista (e podemos também mencionar a transição da sala de espera) e da ruptura temporal ou interrupção das atividades cotidianas que acompanhavam esse percurso. Nesse sentido, o psicanalista irá argumentar que uma vez que são maiores os riscos de interferências externas, o analista deveria suplementar o enquadre externo fragilizado pelo enquadre interno, assegurando as condições que tornariam possível a continuidade do tratamento analítico.

Para elaborar como se dá a transferência na clínica psicanalítica *on-line* o psicanalista Fabio Belo[9] recorreu em seu texto ao aporte da teorização do psicanalista Roussillon acerca do médium maleável – conceito forjado por Marion Milner. Aqui o enquadre psicanalítico é enfocado com a maleabilidade de uma massinha de modelar, ou mesmo um quadro de pintura que irá acolher as pinceladas de cada analisando (e dupla analítica), como oferta para o trabalho de simbolização singular de cada analisando. E que agora tomaria outras formas de existência: a do ciberespaço e a da presença desterritorializada de analista e analisando.

Outro norteador do livro abarca mais especificamente os efeitos psíquicos de uma pandemia, com destaque para os impactos traumáticos desta. Nesse eixo, vários textos retomam a relevância da conceituação ferencziana de trauma para analisar essa vivência em que foi marcante "a perda da dimensão compartilhada da experiência e das referências internas e externas, a agonia solitária do confinamento, o brutal descrédito da realidade operado pelo poder governamental"[10]. Perante a catástrofe que foi viver essa pandemia com um governo negacionista, os autores acentuaram a importância de os analistas suportarem e elaborarem tanto luto e tanta perda, mas também o valor da "firmeza e criatividade no enfrentamento da necropolítica característica desse contexto atual. Estes são os lutos e as lutas que a vida exige hoje de nós, brasileiros"[11].

Nesse cenário de negacionismos, a escuta clínica assim como a produção coletiva de *lives* e livros como o supracitado são respostas éticas que validam a experiência compartilhada de sofrimento e dos horrores pandêmicos. E, assim, ao recorrerem ao espírito de Ferenczi, os autores nos ensinam um caminho para lidar com os impactos da pandemia, e que nos auxilia a elaborar os potenciais efeitos traumáticos de uma catástrofe dessa ordem de grandeza. Aqui gostaria de salientar justamente quanto um dos elementos marcantes do livro será essa ênfase no psicanalista como analista da cultura – seguindo assim a tradição do próprio Freud em seus clássicos textos sociais.

P68 PR-3 (LIVRO) Percurso-jun22.indb 140 16/11/2022 08:15:39

Em contraponto a um governo negacionista que luta a todo custo (incluso um número absurdo de mortes que poderiam ter sido evitadas) para manter uma fantasia autoritária onipotente, Eugenio Dal Molin[12] salienta a importância de uma posição antiautoritária tanto na política quanto na análise. Após traçar as bases de uma relação analítica elástica que não seja baseada na dominação e no autoritarismo, Dal Molin se utiliza da conceituação de Christopher Bollas de um estado de mente fascista para caracterizar a posição de aniquilamento da complexidade do mundo, dos pontos de vista diversos, divergentes, excluindo toda alteridade em prol da pureza fascista, muitas vezes sustentada por meio da projeção em um inimigo de tudo o que se rejeita em si mesmo.

Aqui um importante aporte do texto é o destaque dado à existência do estado de mente fascista nas mentes democráticas, revelador de uma propensão a relações em que predomina a dinâmica dominador-dominado, expressando um desejo de poder. Assim, ao contrário de pensar em fascistas por *natureza*, assinala-se o risco de qualquer um adotar um estado de mente fascista, se defendendo das incertezas e das angústias, abandonando a pluralidade de vozes que o habitam e que povoam o mundo em toda sua diversidade. E assim se destaca a importância de uma mente democrática que não exclua a pluralidade, as contradições. E no campo analítico, isso se articula à concepção deste como uma democracia psíquica em que podem se expressar todas as vozes, em que se pode falar livremente, em que se é tolerante ao que se rejeitava, em que não se projeta nos inimigos as contradições. Essa posição antiautoritária funciona para o psicanalista se posicionar contra os negacionismos, o denegado social em questões da nossa época como o racismo, o fundamentalismo, a imigração, o desterro, a segregação, o ódio projetado no estrangeiro, mas que também pode esclarecer a relação dos psicanalistas com sua prática e a teoria psicanalítica.

Vários dos textos se alinham com esse eixo que privilegia o antiautoritarismo ferencziano como baliza para pensar a clínica e a política. Sob esse prisma, podemos conceber a pandemia como uma possibilidade para a psicanálise reinventar-se, encontrar novas modalidades de psicanalisar, ressoando aspectos denegados ou invisíveis. Ou, como sugere Julio Verztman, "ocasionalmente, a capacidade criativa diante da catástrofe vai além de seu contexto de origem e se torna um patrimônio que ultrapassa fronteiras temporais e espaciais"[13]. Nesse contexto, será que a pandemia será um destes acontecimentos transformadores para a Psicanálise? Será que retirar o véu do desmentido em relação à necropolítica brasileira que acarretou tantas mortes será acompanhado da remoção de outros tantos desmentidos sociais que estruturam a sociedade brasileira? Em seu texto, Pinheiro indaga: "a pandemia inventará uma nova sociedade?"[14]. Podemos pensar em uma psicanálise "antes da pandemia (AP), depois da pandemia (DP)"[15]. Será que com a pandemia "a psicanálise [foi] lançada ao século XXI"[16]?

Sobre as soluções criativas, alguns textos do livro já nos trazem em primeira mão algumas

4 D. Goldfajn, *op. cit.*, p. 19.
5 L. Dallazen, "Leitura. Em tempos de pandemia: a elasticidade da técnica é o psiquismo do analista", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 171.
6 D. Goldfajn, *op. cit.*, p. 18.
7 R. Mezan, "Silêncios e presença do analista em sessões *on-line*", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*
8 B. Zerbinatti, "Ritmo e cansaço em sessões presenciais e não presenciais", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*
9 F. Belo, "Do tabu de tocar ao isolamento social: sobre a clínica psicanalítica *on-line* em tempos de pandemia", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit*.
10 D. Viana, "Fé, finitude e pandemia de Covid-19 – reflexões a partir de Ferenczi", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 97.
11 D. Romão-Dias, "A pandemia e dois lutos: sobre as mudanças do setting analítico e a tentativa de apagamento da Covid-19 no Brasil", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 137.
12 E.C. Dal Molin, "O jogo antiautoritário", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op.cit*.
13 J. Verztman, "Catástrofe, trauma, dor e sofrimento", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 88.
14 T. Pinheiro, "Estados melancólicos nos invadem?", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 120.
15 A.P. Barbosa, "Leitura. Sobre o trabalho do sofrimento e do luto na catástrofe pandêmica", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 109.
16 P. Peron, "A psicanálise lançada ao século XXI", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 151.

P68 PR-3 (LIVRO) Percurso-jun22.indb 141 16/11/2022 08:15:39

das invenções psicanalíticas, como no texto de Bouwman[17] em que ele relata o caso de uma analisanda, apaixonada por literatura, que decidiu continuar sua análise por intermédio de e-mails trocados com o analista. Nas palavras da analisanda, assim ela pôde livre associar de maneira próxima a como fazia no divã. E isto foi possível porque o analista se deixou fazer elástico o suficiente para acolher as condições de análise propostas pela analisanda. Em outro relato, Jô Gondar[18] nos conta de analisandos que falavam *on-line* de temas que nunca haviam podido abordar presencialmente, e outros analisandos que enfatizavam se sentir mais íntimos e podendo se expressar de modo mais livre (ou ao menos diferente) quando estavam fazendo a sessão *on-line* na intimidade de seus lares. Nesse sentido, a psicanalista argumenta que "falar por Skype ou por WhatsApp instaura outros limites entre o público e o privado, outro ritmo, outra forma de engajamento, de hierarquia, outras formas de relação pessoal e de relação política"[19], destacando a quebra das ortodoxias, da verticalidade, e o ganho em termos de relações mais horizontais.

Aliás, se vamos comentar sobre a criatividade da psicanálise (dos psicanalistas) precipitada pela pandemia, é preciso salientar a própria *live* (pretexto para o presente livro) como modalidade de transmissão da psicanálise, como um gesto coletivo criativo, elástico. Tenho, aliás, a impressão de que esse instigante livro, e de tão agradável leitura, será um marco na história da psicanálise não somente pela análise aprofundada (e não dogmática) do trabalho psicanalítico nesses tempos de pandemia, mas como testemunho desse rasgo no cotidiano que todos vivemos (e, com sorte, sobrevivemos): "um tempo de isolamento, um tempo congelado, confuso, desequilibrado"[20]. "Um tempo fora dos eixos, louco, fora de seu lugar"[21]: parte de uma abrupta realidade distópica.

Ao comentar a obra ferencziana, Kupermann propõe que podemos pensar que haja uma *pulsão de repouso*[22] que se articularia à "alegria de existir, fonte de aceitação dos fatos necessária para o trabalho de luto, e também da força e da energia da luta que mantém o sujeito capaz de desejar e de criar"[23], de modo que o psicanalista nos incita a pensar se esse seria um dos destinos dessa catástrofe. Catástrofes transformadas pela alegria de viver, pelo desejo de vida, de criar.

Diante de tanto horror e de tanto sofrimento, *Ferenczi: Pensador da catástrofe* nos oferece um tratamento coletivo, que transformou parte de tanto desalento, morte e destruição – que fez parte de nosso dia a dia pandêmico, sobretudo nos primeiros dois anos da pandemia – em gestos criativos, de pensar colaborativo. Um livro que nos faz sonhar sobre a potência criativa do coletivo, testemunho de um grupo de psicanalistas que ousou repensar o contemporâneo e a teoria e a clínica psicanalíticas a partir desses tempos.

17 M. Bouwman, "A elasticidade anímica do psicanalista em tempos de pandemia", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*

18 J. Gondar, *op. cit.*

19 J. Gondar, *op. cit.*, p. 62.

20 V. Ungar, "Entre o negacionismo e a paranoia: a psicanálise em tempos de catástrofe", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 263.

21 V. Ungar, *op. cit.*, p. 264.

22 D. Kupermann, "A catástrofe e seus destinos: os negacionismos e o efeito vivificante do 'bom ar'", in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit*. p. 260.

23 D. Kupermann, *op. cit.*, p. 260.

P68 PR-3 (LIVRO) Percurso-jun22.indb 142 16/11/2022 08:15:39